

### 3.2. Mensagem

#### • Modernismo – contextualização epocal

Pessoa foi um homem que, dada a sua imensa capacidade analítica, percebeu claramente a crise que marcava o pensamento europeu do século XX, que se iniciara, aliás, no século anterior. Os valores tradicionais ruíam e tinham perdido a capacidade de corresponder às respostas pelas quais o ser humano mais anseia.

O poeta põe em causa a tradição cultural da civilização ocidental, nos seus vectores constituintes: a religião, a ciência, a arte e a política. É assim que contesta uma moral enraizada em princípios maniqueístas<sup>(1)</sup>, desejando situar-se para além do Bem e do Mal. Pessoa aponta a religião, instituição edificada na Igreja de Roma, como um atraso do avanço civilizacional, porque constitui um factor de atrofia das capacidades intelectuais e críticas do indivíduo. Por outro lado, o poeta considera a ciência incapaz de surgir como solução num mundo em que, apesar do domínio da técnica, não se anulou por completo a ansiedade metafísica. Na arte, o poeta defende a “teoria do fingimento”, pretendendo que a expressão do sentimento constitui uma forma de mentira, pois o Homem sente de uma forma convencional, determinada por condicionantes sociais de vária ordem. Finalmente, sem partilhar os ideais socialistas, é, porém, manifestamente avesso a políticas enformadas por um autoritarismo totalitário<sup>(2)</sup>. Mas Pessoa seguiu a lição de Nietzsche. E, se estava consciente de que, particularmente em Portugal, o atraso de mentalidades e a triste estagnação que caracterizava o país eram chocantes, facto que o deprimia e motivava o seu isolamento e a sua recusa de participar nas formas de acção estabelecidas e geralmente aceites, por outro lado, tentou encontrar na decadência

<sup>(1)</sup> Maniqueísmo: doutrina baseada na existência de dois princípios fundamentais e antagónicos – um de Bem, outro de Mal.

<sup>(2)</sup> Atentemos, por exemplo, nos poemas contra Salazar e contra o Estado Novo, escritos em 1935. Estes poemas foram publicados, pela primeira vez, por Jorge de Sena.

nacional aquilo que produziria o nascimento de uma renovação. Então, esta época decadente, o início do século XX, era o período temporal propício a uma revolução cultural. Fernando Pessoa fá-lo através dos seus heterónimos e da conseqüente destruição do “eu” na escrita (pelo menos, enquanto unidade) e tenta fazê-lo através da sua obra *Mensagem*, apelando à vontade dos portugueses para efectuar uma mudança radical na sua forma de ser e de estar.

Deste modo, em **Brasão** (a primeira parte da obra *Mensagem*), o escritor unifica, num núcleo semântico, as significações históricas e míticas, pois o aparecimento de elementos heráldicos imbrica-se numa determinada evocação simbólica. Em última análise, é a memória da nossa História e da nossa cultura que faz aparecer o mito. E os mitos têm uma dupla origem: celta e cristã. A esta Pessoa acrescenta fontes esotéricas, ligadas às ciências ocultas. Porém, é sempre um ideal messiânico, uma esperança de salvação que estará na base de todas estas formas de abordagem da realidade.

Já em 1913, Pessoa desejava salvar o estado de decrepitude em que se encontravam as letras nacionais, implementando os “ismos” que marcaram o primeiro Modernismo: o Paulismo (representado no poema “Impressões do Crepúsculo”, publicado na revista *Renascença*), o Interseccionismo, presente no poema “Chuva Oblíqua” (publicado no *Orpheu 2*), o Sensacionismo (patente na “Ode Triunfal”, de Álvaro de Campos, publicada no *Orpheu 1*) e o Futurismo, sob a influência do manifesto futurista de Marinetti, publicado em 1912 e de que o poema “Ode Triunfal” é igualmente um exemplo. O poeta acreditava que, numa primeira fase, era urgente destruir as concepções tradicionalistas que dominavam o espírito português, agitando a nação de modo que, em Portugal, se começasse a vislumbrar aquilo que já acontecia nalguns países europeus. Por outro lado, Pessoa acreditava na literatura como forma de transformação social. É assim que, na primeira fase da sua produção poética, encontramos, fundamentalmente, uma preocupação de renovar a mentalidade saudosista da época. A partir de 1915, Fernando Pessoa distancia-se desta atitude, cuja intenção